

Que se sintam crianças em toda a acepção da palavra

851025-Samora.

— Presidente Samora Machel, discursando na abertura da Conferência dos Continuadores da Revolução Moçambicana

O Presidente do Partido Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, Marechal Samora Moisés Machel, dirigiu na manhã de ontem às crianças de todo o nosso País palavras de apreço por ocasião da Conferência Constitutiva da organização Moçambicana. Proferindo um discurso que marcou a abertura solene da Conferência, o

Chefe do Estado moçambicano deu às nossas crianças uma verdadeira aula de patriotismo, onde não faltou a evocação da história recente e mais antiga do nosso Povo. Foram as seguintes as palavras que proferiu:

Queridos Continuadores,

Camaradas membros do Bureau Político do Comité Central do Partido Frelimo, Camaradas membros do Comité Central, Exm.^{as} membros da Comissão Permanente da Assembleia Popular, Exm.^{as} membros do Conselho de Ministros, Exm.^{as} membros do Corpo Diplomático, Estimados Convidados, Queridos Continuadores,

Há milhões de crianças que nascem, crescem, choram e riem, estudam e brincam em cada província do nosso País, em cada distrito e localidade, em cada bairro ou aldeia comunal, na cidade ou no campo...

Milhões de crianças que trazem os olhos cheios de esperança, pensando em vestidos, calças, nus sapatos, em livros e lápis num tambor, numa bola que sonham ter um dia...

Milhões de crianças que, certamente, gostariam de estar aqui, sabendo que poderiam contribuir para melhorar as suas próprias condições de vida e tornar possível uma maior felicidade para todas as crianças de Moçambique...

Mas foram vocês os escolhidos para vir a esta sala representar todos esses milhões de Continuadores. Foram vocês que receberam a honrosa tarefa de vir aqui falar em nome de todos, contar os vossos problemas e necessidades, discutir e estudar os documentos que servirão para orientar a vossa vida na Organização. É grande, por isso, a vossa responsabilidade. Mas quando regressarem à vossa escola, à vossa aldeia ou cidade, levarão convosco a alegria, a grande alegria de poderem dizer aos colegas, pais e professores, que já estão organizados, que agora poderão ajudar melhor vós próprios e todos os outros, a tornar mais bela e grandiosa a Pátria que tanto amamos.

Queridos Continuadores,

Vocês são as mais belas flores que germinaram das sementes lançadas na terra preparada durante os dez anos da Luta Armada de Libertação Nacional.

Vocês são já os frutos que crescem, livres e saudáveis, na grandiosa árvore da Independência Nacional que cobre todo o País.

Vocês são já a certeza do nosso amanhã, os Continuadores do grande sonho de Mondlane, Josina, Manyanga, Magala, Kankhomba, Romão Farinha e tantos outros que, com o sacrifício das suas vidas, deram-nos o exemplo de amor ao Povo, de luta pela liberdade, exemplo de entrega total no trabalho de construção da nossa Pátria.

Por isso, em vós, com profunda ternura, neste momento importante da vida da Nação, em que vamos oficializar a criação da organização dos Continuadores, saudamos todas as crianças moçambicanas, do Rovuma ao Maputo, que são e serão sempre a prioridade número um da Revolução moçambicana.

Foi pela vossa Paz, pela vossa Alegria, que pensamos em vós.

A vossa Paz e a vossa Alegria, são a nossa Paz e a nossa Alegria. Infelizmente, há crianças que já não poderão viver este momento de alegria. São crianças que foram barbaramente assassinadas pelos bandidos armados, esses criminosos que, dia-a-dia, tiram a vida a crianças inocentes como vocês, a professores, a cidadãos indefesos e destroem as vossas escolas e hospitais. Mãe os

combates contra as forças do colonialismo português. Muitos moçambicanos morreram nas prisões da PIDE, nos campos de concentração e nos campos de batalha.

Tudo isto acontecia até 1975, data da nossa Independência. Tudo isto aconteceu durante o tempo dos que são hoje os vossos avós, pais, tios, irmãs e irmãos mais velhos.

As crianças desse tempo, as crianças que vivam no campo, enquanto durou o colonialismo, eram obrigadas a ajudar a mãe a cultivar na pequena machamba da sua casa. Sem qualquer apoio, procuravam produzir um pouco de mandioca, de mapiira, de milho, amendoim, abóbora ou batata-doce para não morrerem de fome. O pai era obrigado a ir para as grandes plantações cultivar algodão, sisal, chá,

sores como forma de pagamento dos seus estudos.

E sabem o que é que se aprendia nas escolas desse tempo? Sabem o que se aprendia tanto no campo como na cidade? — Aprendia-se a decorar todos os rios de Portugal, com os seus afluentes e subafluentes. Todas as linhas férreas portuguesas com as suas estações e apeadeiros. Todos os produtos agrícolas de Portugal, as suas árvores de fruto, as suas flores, os seus passarinhos.

E da Moçambique o que é que se aprendia? — Apenas que existia o rio Zambeze, porque ele é tão grande que era impossível ignorá-lo, escondê-lo, e o Rio Limpopo, porque nas suas margens, de terras muito ricas, tinham organizado uma grande machamba a que chamavam o «colonato do Limpopo».

escrito nas leis desse tempo, serviam para «conduzir gradualmente o indígena da vida selvagem para a vida civilizada». Mas haviam outras escolas para serem frequentadas pelos filhos dos colonos. Essas eram as escolas boas, com os melhores professores, onde se preparava o aluno para mais vir a ser explorador.

Quando outros países africanos se tornaram independentes e os colonialistas portugueses ficaram com medo de perder as suas colónias, começaram então a deixar os filhos de alguns trabalhadores moçambicanos ir para algumas escolas dos colonos.

Mas isso só era possível depois dos pais desses meninos ficarem «assimilados». Para um moçambicano negro ser considerado «assimilado» era preciso ter no mínimo 18 anos de

idade, certidão da 4.ª classe, falar correctamente a língua portuguesa; tinha de mostrar que se ajeitou da cultura do seu próprio povo e ter, como seus, os hábitos e a maneira de viver dos europeus, isto é, tinha de deixar de ser moçambicano para se parecer com um português, mas nunca um português com a categoria deles. Como vêem, o colonialismo era uma coisa má a vergonhosa.

Nesse tempo, a cidade de Maputo chamava-se Lourenço Marques e, quando se chegou a esta fase dos assimilados, ela ficou com as suas escolas divididas: as do Bairro da Polana, Central, Carreira de Tirol, para os filhos dos colonos; para os filhos dos trabalhadores moçambicanos ficaram as escolas da Muthuana, Xipamanine, Bairro Indígena e Alameda do Alto Mae. Por isso é que, quando foi construída a Escola Secundária Francisco Manyanga, que neste tempo se chamou Liceu António Enes, e começou a funcionar com alguns filhos de trabalhadores moçambicanos, os colonialistas diziam que era o «Liceu da Capangana».

Na cidade e no campo, as crianças moçambicanas não tinham o direito de nascer em boas condições. Quando as mães moçambicanas que estavam à espera de bebé tinham a sorte de serem recebidas nos hospitais, davam entrada em enfermarias de 3.ª classe, em maternidades indígenas, onde só havia esteiras e muitas vezes nem isso. Nas maternidades onde havia as melhores condições de alojamento, e cuidados e tratamento, só podiam entrar as mulheres dos colonos. Assim, logo à nascença, a criança moçambicana ficava a conhecer o drama da discriminação racial e social.

Mas, apesar de tudo isto, a mãe moçambicana nunca se deixou vencer. Era ela quem tinha sempre uma palavra de conforto, de encorajamento para o filho que desanimava. Era ela quem sabia ensinar ao filho o valor da dignidade, do orgulho de ser moçambicano.

Era ela quem prevenia ao filho dos perigos e que com a sua experiência o ajudava a tomar o melhor caminho.

Era ela quem em histórias muito bonitas e simples contava para o filho a importância da nossa cultura, o perigo da divisão, o heroísmo dos que lutavam contra os colonos.

Era ela que, à noite, à roda da fogueira, dizia ao filho que os portugueses eram estrangeiros e que a terra é nossa.

Amizade, Luta, Guerrilheiro. Solidariedade. Liberdade.

Enquanto durou a Luta Armada de Libertação Nacional, dedicámos às crianças todo o nosso saber e conhecimento para daí estendermos ao Povo inteiro, as ricas experiências que se colheram no campo da educação nas zonas libertadas. Hoje, em todo o País, milhões de crianças podem ir livremente à escola sem serem discriminadas, sem serem



Aspecto da sessão de abertura da Conferência, vendo-se o Presidente Samora Machel no uso da palavra. A alegria das crianças, pela constituição da sua organização.



O Presidente Samora Machel, ladoado de crianças, quando se dirige à Conferência Constitutiva da «Continuadores da Revolução Moçambicana».

cana-de-açúcar, arroz, para enriquecer alguns colonos estrangeiros e poder pagar o imposto.

Os pais trabalhavam todo o dia. O que recebiam não dava para pagarem as coisas que se vendiam nas cantinas. Também o que produziam nas pequenas machambas não era suficiente para se trocar por tudo o que precisavam da cantina.

Desta maneira, quase todas as crianças dessa época não podiam ir à escola e nem sequer tinham tempo para ser crianças como vocês e saltarem à corda, brincar à noca, ao elástico, com bolas e balândes, e outras brincadeiras como vocês fazem hoje.

As escolas eram muito poucas lá no campo e as populações viviam todas espalhadas, pois não estavam organizadas. Quando algumas crianças conseguiam ir às escolas, elas eram obrigadas a andar muitos quilómetros para poderem estudar. Descalças e esfomeadas, apanhavam sol e chuva, para frequentarem «escolas para indígenas», aprenderem apenas a ler, escrever e contar.

popo». Estas terras tinham sido divididas e dadas aos camponeses portugueses que, ao chegarem a Moçambique, passavam a ser chamados agricultores e eram ensinados a tratar os moçambicanos como inferiores.

Também ensinavam nessas escolas do tempo colonial os nomes e os cognomes, datas de nascimento e de morte, a vida de cada um dos muitos reis que governaram Portugal. Até se chegava ao ponto de nos obrigarem a decorar o número de mortos e prisioneiros dalgumas batalhas travadas pelos exércitos desses reis.

Mas dos nossos reis, dos nossos guerreiros e chefes que se opunham e lutavam contra a presença estrangeira, ensinavam-nos que eles eram os «rebeldeiros», «infiéis», «cafres e selvagens».

Diziam-nos que éramos portugueses por empréstimo, que os homens de raça branca aqui nascidos eram portugueses de 2.ª classe, que Moçambique só era Moçambique porque era Portugal. Obrigavam-nos nas escolas a dançar e a cantar o «Vira do Minho», o «Bailinho da Madeira» e o «Malhão» que são do Povo português, e proibiam-nos de executar as nossas danças e cantares tradicionais.

Nas cidades, as crianças moçambicanas negras moravam com os seus pais nos subúrbios em bairros de canico e madeira-zinco. Nas cidades de cimento, nos prédios, nas vivendas, viviam os colonos. Nos quintais das residências dos patrões, dos colonos, nas dependências, dormiam irmãos nossos a que chamavam «moleques».

Vale a pena contar-vos a história dos «moleques». Os moleques eram jovens contratados pelos patrões para tomarem conta dos filhos dos colonos, para cozinharem, lavarem a roupa e fazerem a limpeza da casa e do quintal. Muitos deles eram trazidos do campo para a cidade. Eram colocados em armazéns onde as mulheres dos colonos os vinham escolher. Escolhiam, como elas faziam, os mais gordos, os mais espertinhos.

Pagavam por eles as companhias transportadoras um preço bastante baixo e levavam esses jovens para casa onde lhes davam uma camisola interior e um calção. O seu trabalho era muito mal pago e os descontos eram demasiados. Descontavam-lhes a roupa que lhes tinha sido dada, descontavam-lhes o custo do contrato, e, se, por acaso, partissem uma chavena ou um prato, descontavam-lhes o preço de um jogo completo.

Muitas vezes levavam pancada sem nada terem feito mal. Alguns deles eram enviados para S. Tomé, como escravos das plantações de cacau, quando as senhoras iam apresentar queixa na Administração, por qualquer erro cometido.

Mas voltemos ao sistema das escolas do colonialismo.

As escolas que haviam nas cidades para os filhos dos trabalhadores moçambicanos eram chamadas «escolas indígenas» que, conforme ficou

escrito nas leis desse tempo, serviam para «conduzir gradualmente o indígena da vida selvagem para a vida civilizada». Mas haviam outras escolas para serem frequentadas pelos filhos dos colonos. Essas eram as escolas boas, com os melhores professores, onde se preparava o aluno para mais vir a ser explorador.

Quando outros países africanos se tornaram independentes e os colonialistas portugueses ficaram com medo de perder as suas colónias, começaram então a deixar os filhos de alguns trabalhadores moçambicanos ir para algumas escolas dos colonos.

Mas isso só era possível depois dos pais desses meninos ficarem «assimilados». Para um moçambicano negro ser considerado «assimilado» era preciso ter no mínimo 18 anos de

idade, certidão da 4.ª classe, falar correctamente a língua portuguesa; tinha de mostrar que se ajeitou da cultura do seu próprio povo e ter, como seus, os hábitos e a maneira de viver dos europeus, isto é, tinha de deixar de ser moçambicano para se parecer com um português, mas nunca um português com a categoria deles. Como vêem, o colonialismo era uma coisa má a vergonhosa.

Nesse tempo, a cidade de Maputo chamava-se Lourenço Marques e, quando se chegou a esta fase dos assimilados, ela ficou com as suas escolas divididas: as do Bairro da Polana, Central, Carreira de Tirol, para os filhos dos colonos; para os filhos dos trabalhadores moçambicanos ficaram as escolas da Muthuana, Xipamanine, Bairro Indígena e Alameda do Alto Mae. Por isso é que, quando foi construída a Escola Secundária Francisco Manyanga, que neste tempo se chamou Liceu António Enes, e começou a funcionar com alguns filhos de trabalhadores moçambicanos, os colonialistas diziam que era o «Liceu da Capangana».

Na cidade e no campo, as crianças moçambicanas não tinham o direito de nascer em boas condições. Quando as mães moçambicanas que estavam à espera de bebé tinham a sorte de serem recebidas nos hospitais, davam entrada em enfermarias de 3.ª classe, em maternidades indígenas, onde só havia esteiras e muitas vezes nem isso. Nas maternidades onde havia as melhores condições de alojamento, e cuidados e tratamento, só podiam entrar as mulheres dos colonos. Assim, logo à nascença, a criança moçambicana ficava a conhecer o drama da discriminação racial e social.

Mas, apesar de tudo isto, a mãe moçambicana nunca se deixou vencer. Era ela quem tinha sempre uma palavra de conforto, de encorajamento para o filho que desanimava. Era ela quem sabia ensinar ao filho o valor da dignidade, do orgulho de ser moçambicano.

Era ela quem prevenia ao filho dos perigos e que com a sua experiência o ajudava a tomar o melhor caminho.

Era ela quem em histórias muito bonitas e simples contava para o filho a importância da nossa cultura, o perigo da divisão, o heroísmo dos que lutavam contra os colonos.

Era ela que, à noite, à roda da fogueira, dizia ao filho que os portugueses eram estrangeiros e que a terra é nossa.

humilhadas; uma vida nova cresce em todo o território nacional.

Hoje, estudar é um direito e um dever de toda a criança moçambicana. Hoje, estudar, aprender e para servir o Povo, e para servir a Pátria, e para desenvolver o País.

O Partido Frelimo temnos mostrado o caminho para, juntos, construirmos uma Pátria livre e próspera. Neste combate, os Continuadores da Revolução Moçambicana têm também uma grande missão a cumprir.

No nosso País, são ainda muitos os problemas que enfrentamos.

Ainda não temos enfermeiros, médicos em quantidades suficientes; os centros de saúde, os hospitais não são ainda bastantes. As nossas escolas ainda são poucas e muitas não têm carteiras, não têm material escolar para todos os professores, que temos não chegamos para ensinar todas as crianças que estão em idade escolar.

Para vencermos estas e tantas outras dificuldades todos nós, crianças e adultos, temos que ser organizados e disciplinados, temos que aprender muito, temos que trabalhar e saber trabalhar bem.

Que possam brincar, estudar e criar beleza em casa, felizes e alegres.

Que se sintam orgulhosos de trazer ao péssimo o seu trabalho de Continuador e o vosso belo emblema no peito. E quando nos saudarem de punho erguido, que nos possam ver brincar nos vossos quintos a chama viva da nossa Pátria Socialista.

Uma vida nova vai começar para vós. Uma vida organizada, onde possam exprimir a vossa imaginação, a

vossa capacidade criativa, o vosso talento; onde possam desenvolver o sentido da responsabilidade, a amizade e da sua camaradagem; onde possam tornar crianças que sejam motivo de orgulho dos vossos pais.

Confiante no vosso futuro, pensando no amanhã certo, para que vocês, crianças moçambicanas, possam participar na criação desta realidade, é com emoção que, em nome do Comité Central do Partido Frelimo, declaro solenemente criada a organização das nossas crianças, que toma o nome de CONTINUADORES DA REVOLUÇÃO MOÇAMBICANA.

Queridos Continuadores da Revolução Moçambicana,

Esta organização que criámos, sangue quente e palpante, correndo nas veias da nação, tem de ser um organismo vivo, tão alegre e dinâmico como cada um de vós.

Que cada um de vós, Continuadores, sintam, em cada momento, que onde quer que esteja, está a vossa organização.

Caminhem seguros e decididos. Continuadores orgulhosos, senhores do vosso destino. Estaremos ao vosso lado. Os passos do vosso futuro, serão de todos nós.

Viva os Continuadores da Revolução Moçambicana

Pelos nossos Continuadores, A Luta Continua! A Revolução Vencerá! O Socialismo Triunfará!



A alegria das crianças, pela constituição da sua organização

seus dias estão contados. Todo o nosso Povo está empenhado na liquidação desses malfatores.

Os vossos pais, tios e irmãos, que hoje fazem parte das FAM-FPLM, vão acabar com os banhos assassinos que semeiam a morte, a destruição e a miséria entre o nosso Povo.

Queridos Continuadores,

Completámos em 1985 dez anos de Independência. Muitos de vocês nasceram já num Moçambique livre, num Moçambique sem a vergonha do colonialismo. E, para que isto acontecesse, foram necessários muitos sacrifícios, foi preciso travarem-se muitos



Uma das delegadas, seguindo atentamente o discurso de «Papá Samora»

nitores de Alfabetização e Educação de Adultos, às vezes dos seus próprios pais, irmãos e avós. Assim, ensinavam a soletrar, a escrever e a respeitar palavras como Paz, Amor,

O que já temos e o que vamos ter no futuro tem de ser o resultado do nosso esforço, da nossa imaginação, do nosso trabalho, e do nosso amor à Pátria.